

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras**

Karine Zucolotto Biscaino

**Ecos de Simões Lopes Neto em *Quatro Negros*, de Luís Augusto
Fischer**

**Porto Alegre
2016**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras

Karine Zucolotto Biscaino

Ecos de Simões Lopes Neto em *Quatro Negros*, de Luís
Augusto Fischer

Monografia apresentada ao Instituto de Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul como
requisito parcial à obtenção do título de Licenciada
em Letras, tendo como professora orientadora
Dra. Karina de Castilhos Lucena e como professor
coorientador Dr. Carlos Augusto Bonifácio Leite.

Porto Alegre

2016

Era preciso pintar, colar e quebrar
muita coisa, a fim de esquecer a
desgraça alheia.

Anton Tchekhov

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu marido e ao meu filho que estiveram comigo nestes quatro anos e meio de graduação. Ao meu marido por ser, além de meu amigo, confidente e leitor ainda ter sido o meu patrocinador. Sim, patrocinador! Foi patrocinador das infundáveis xerox, dos cafés no Antônio e das várias recargas do TRI. Ao meu filho, por ter sido paciente comigo, por ter participado de bom grado das aulas de Literatura Hispano, sem ao menos reclamar sobre o fato de não entender nada da língua. Por ter enfrentado os perrengues de morar de favor só para que eu pudesse terminar o semestre e depois ter aceitado o desafio de ficar sem a mãe em uma cidade nova.

Agradeço imensamente a Lulu e ao Renato por terem abrigado a mim e ao meu filho durante um semestre inteiro. À minha sogra por ter me incentivado e emprestado vários livros. Aos meus pais que me mandaram energias positivas e ao meu irmão que aguentou meus choros ao telefone cada vez que me sentia cansada e desanimada.

Quero agradecer de coração à professora Karina Lucena, pessoa que me inspira com sua inteligência, didática e sobre tudo sua força, por ter aceitado ser minha orientadora e ter me ajudado tanto com este trabalho. Ao professor Guto que sempre esteve pronto para me ajudar, esclarecendo minhas dúvidas e principalmente por ter aceitado me orientar aos quarenta e cinco do segundo tempo (muito obrigada, Professor!). E jamais poderia deixar de agradecer a professora Mônica Nariño, que foi muito mais que professora, foi uma amiga com seus conselhos e suas palavras certas nas horas mais difíceis.

Enfim, quero agradecer a todos os professores e colegas que estiveram comigo nestes quatro anos e meio, assim como agradeço também à Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal realizar uma análise da obra *Quatro Negros*, de Luís Augusto Fischer, publicada no ano de 2005, e então fazer uma comparação com alguns contos de *Contos Gauchescos*, do autor Simões Lopes Neto, publicado pela primeira vez em 1912, para que se possa revelar ecos simonianos na novela de Fischer. Foi feita uma breve apresentação da biografia do autor e então uma apresentação mais detalhada da obra com resumo capítulo a capítulo. A partir deste momento, apresentado ao leitor os possíveis ecos, claro que sempre pautados em exemplos e em alguns autores de teoria e crítica literária, principalmente o próprio Luís Augusto Fischer, enquanto crítico de Simões Lopes Neto.

Palavras-chave: *Quatro Negros*, *Contos Gauchescos*, ecos simonianos, linguagem, temática.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo principal realizar un análisis de la obra *Quatro Negros*, de Luís Augusto Fischer, publicada en el año de 2005, y entonces compararla con algunos de los cuentos de la obra *Cuentos Gauchescos*, del autor Simões Lopes Neto, publicada por primera vez en 1912, para que se pueda revelar ecos simonianos en la obra de Fischer. Se hará una breve presentación de la biografía del autor, seguida de una presentación más detallada de la obra con un resumen de capítulo a capítulo. A partir de este momento se presentará al lector los posibles ecos, obviamente siempre seguidos de ejemplos de las obras, y fundamentados en algunos autores de teoría y crítica literaria, principalmente el propio Luís Augusto Fischer, como crítico de Simões Lopes Neto.

Palabras llave: *Quatro Negros*, *Cuentos Gauchescos*, ecos simonianos, lenguaje, temática.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	7
2. SOBRE O AUTOR	9
3. <i>SOBRE QUATRO NEGROS</i>	12
4. SOBRE O NARRADOR.....	20
5. ECOS SIMONEANOS.....	23
5.1. Primeiro eco: linguagem coloquial.....	23
5.2. Segundo eco: pontuação.....	26
5.3. Terceiro eco: conversar diretamente com o interlocutor.....	30
5.4. Quarto eco: mulheres determinadas	32
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

1. INTRODUÇÃO

Início este trabalho expondo um cálculo matemático (quase uma ironia para uma pessoa que, sinceramente, não é afeita a cálculos): as obras as quais me dediquei a estudar, *Quatro Negros* e *Contos Gauchescos*, foram publicadas respectivamente no ano de 2005 e 1912, o que dá uma diferença de 93 anos entre ambas. Estou falando aqui de Literatura e esta, como é sabido, tem, dentre muitas outras, a característica de recriar a realidade a partir da visão do autor, e isto baseado em seus sentimentos, seus pontos de vista e suas técnicas narrativas. Posso afirmar que a Literatura foi o *start* para minha escolha pelo curso de Letras. Sendo assim, não há nada mais justo do que encerrar esta etapa da minha vida com um trabalho que trate diretamente de Literatura. Trabalho este em que faço ligações entre textos que têm quase um século entre ambos.

Feitas essas primeiras considerações, explicarei qual o tema e o que me levou a sua escolha. Pois bem, asseguro que sempre procuro ler textos dos professores com os quais tive aulas e quero falar de um texto que me encantou, a novela *Quatro Negros* do professor Luís Augusto Fischer. Li a novela depois de ter assistido às aulas de Literatura Brasileira B (leitura de férias, aquelas que são puro deleite), e como gostei muito da maneira fluida que decorriam as aulas deste professor quis, ainda mais, saber como este escrevia. Para minha surpresa já no primeiro parágrafo fui fisgada por um narrador que me parecia muito próximo. Minha primeira conclusão foi que devido ao fato de ter assistido às aulas de Literatura com o autor da obra, talvez eu estivesse ainda “influenciada”, e por isso a sensação de estar escutando a voz do professor e não a do narrador.

Após ler pela segunda vez e comentar com minha sogra (sim, minha sogra é uma pessoa que debate literatura comigo) sobre o texto, cheguei à conclusão de que o que me cativou tanto e o que me pareceu familiar foi sim a questão narrador, mas não foi de forma alguma a influência do professor-autor. O que aconteceu foi: o narrador de *Quatro Negros* me “pegou pela mão”, me “colocou sentada” a sua frente

e me contou uma história linda. Então fiquei me perguntando: qual outro narrador fez isso comigo? A resposta foi imediata: Blau Nunes!

Para entender um pouco mais o que aconteceu comigo, trago um texto intitulado "Kafka¹ e seus precursores", do grande autor Jorge Luis Borges. Este texto procura inventariar ao longo da história os predecessores do escritor tcheco. Borges compara textos de vários autores de épocas distintas e sempre encontra algo kafkiano neles. Esses autores se parecem com Kafka; no entanto, não se parecem entre si. Vejamos um trecho do texto de Borges:

Se não me engano, as peças heterogêneas que enumerei se parecem com Kafka; se não me engano nem todas se parecem entre si. Este último fato é o mais significativo. Em cada um destes textos reside a idiossincrasia de Kafka, em grau maior ou menor, mas se Kafka não tivesse escrito, não a perceberíamos, ou seja, ela não existiria.

O "Fears and Scruples", de Robert Browning profetiza a obra de Kafka, mas nossa leitura de Kafka afina e desvia sensivelmente nossa leitura do poema. Browning não o lia como nós agora o lemos. No vocabulário crítico a palavra precursor é indispensável, mas seria preciso purificá-la de toda conotação de polêmica ou de rivalidade. O fato é que cada escritor cria seus precursores. Seu trabalho modifica nossa concepção do passado assim como há de modificar o futuro.

O que quero dizer com esta citação é que, não foi mera coincidência ter ouvido Simões na leitura de *Quatro Negros*, mesmo acreditando que a leitura é uma experiência individual por proporcionar emoções e interpretações distintas de pessoa para pessoa, tomo a liberdade de dizer que Luís Augusto Fischer, provavelmente, está criando seus precursores e, assim como disse Borges na citação acima, ele modificou minha leitura dos *Contos gauchescos* do mestre Simões Lopes Neto.

São com estes questionamentos de uma aluna apaixonada por literatura que este trabalho tem como objetivo traçar um paralelo entre a novela *Quatro Negros* e alguns contos de *Contos Gauchescos*, para então mostrar que sim, podemos escutar ecos simonianos em Luís Augusto Fischer. Ao longo deste trabalho demonstrarei quais são esses ecos e de que forma aparecem.

¹ Utilizo a versão digital do texto disponível em:
https://prioste2015.files.wordpress.com/2015/03/tl3_borges.pdf

2. SOBRE O AUTOR²

Luís Augusto Fischer é gaúcho nascido na cidade de Novo Hamburgo, no ano de 1958. É professor de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio Grande do Sul desde 1984, universidade na qual obteve toda sua formação acadêmica. Antes de cursar a faculdade de Letras, entrou na faculdade de História, no entanto não chegou a concluir o curso (dado importante, tendo em vista que este autor, notoriamente, tem grande conhecimento na área). É escritor, ensaísta e colunista do jornal *Zero Hora* de Porto Alegre.

Fischer sempre esteve envolvido com o mundo das Letras, ele foi Coordenador da área do Livro e Literatura da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, entre 1993 e 1996. Subsecretário de Cultura de Porto Alegre, de agosto de 1995 até 1997, presidente da Associação Gaúcha de Escritores, de 1997 a 1999.

Além dos livros de ensaios *Um Passado pela frente* (Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992), *Parnasianismo brasileiro: entre ressonância e dissonância* (Porto Alegre: EDIPUC, 2003), *Literatura brasileira – modo de usar* (São Paulo: Abril, 2003), *Literatura gaúcha – história formação e atualidade* (Porto Alegre: Leitura XXI, 2004), *Machado e Borges* (Arquipélago Editorial, Porto Alegre, 2008), *Inteligência com dor* (Arquipélago Editorial, Porto Alegre, 2009), entre outros, o autor também publicou livros de ficção como *O edifício do lado da sombra* (contos, ed. Artes e Ofícios.1996), *Rua desconhecida* (contos, ed. Artes e Ofícios. 2002) e a obra a qual me dedico neste trabalho, *Quatro negros* (novela, ed. L&PM. 2005). Esta recebeu o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte de melhor novela de 2005. Outras publicações não menos importantes: *Contra o esquecimento*, crônica e ensaios (crônicas, ed. Artes e Ofícios. 2001); *De ponta com o vento norte*, crônicas (crônicas, ed. Artes e Ofícios. 2004); *Dicionário de Porto-alegrês* (ed. Artes e Ofícios. 1999).

² A maior parte das informações obtidas para este texto foram retiradas do site <http://www.lpm.com.br>, site que traz informações sobre vida e obra dos escritores os quais a editora L&PM publica ou publicou.

É importante dizer que o autor aqui debatido estudou com esmero o grande autor Simões Lopes Neto. Em 2012 publicou pela editora L&PM, *Introdução, Fixação de texto e notas* em mais uma edição de *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Neste trabalho, Fischer faz um estudo minucioso, apresentando a seus leitores a *Vida e obra de João Simões Lopes Neto* em que defende a percepção de que o texto simoniano é mais que regionalista, vejamos:

Seus livros são famosos, mas pouco lidos, em função de utilizarem um vocabulário de difícil compreensão para o leitor atual, porque se trata de um conjunto de palavras ligado à atividade pastoril, ao cavalo, ao pampa, mundos semânticos cada vez mais distantes do leitor urbano, que por isso mesmo ninguém tem obrigação de conhecer.

Reconhecida essa dificuldade, porém, é hora de avançar para ter acesso ao magnífico universo narrativo que Simões Lopes Neto inventou. Escrevendo nos marcos da literatura naturalista - aquela que queria descrever o homem, a natureza e a sociedade de modo cru, anti-ilusório, muitas vezes segundo uma perspectiva determinista que igualava homens e animais -, Simões Lopes Neto pegou da experiência direta que tinha do mundo campeiro gaúcho, da fazenda de criação de gado, assim como da tradição guerreira do mundo da fronteira do Brasil com os países do Prata e com esse barro forjou personagens impressionantes, homens desassombrados e mulheres determinadas, vivendo cenas de intensa força, que só ocorrem quando somos confrontados com os limites do que temos de mais humano, o amor, o desejo, a sobrevivência física, a luta pela domesticação da natureza, a guerra. (LOPES NETO, 2013, p.11)

Também é possível ver o que Fischer fala sobre a ideia de fazer uma edição anotada, com notas de rodapé de *Contos Gauchescos* em uma entrevista³ dada ao jornal Zero Hora no dia 21/05/2012:

Desde 1980, todos os anos leio Simões Lopes Neto com os alunos. Desde o começo, especialmente como professor, sentia falta de uma edição anotada que conversasse com o leitor urbano de hoje. Então, esta minha edição é fruto do meu trabalho como professor, que me fez ver onde os alunos e eu empacávamos na leitura. Tem a famosa edição da Globo dos anos 1940, organizada pelo Augusto Meyer, com notas supercompetentes do Aurélio Buarque de Holanda, posfácio do Carlos Reverbel, uma edição superimportante. Mas ela não me satisfazia porque as notas já estavam muito distantes do meu mundo de leitor e eram no fim do livro, fazendo com que, a cada momento, tivesse que ir para o fim e voltar. Para facilitar, pensei em notas no pé da página e não no fim do livro.

Feitas estas apreciações a respeito de Fischer, quero dizer que esta breve investida em recuperar parcialmente sua biografia tem em sua essência o intuito de sinalizar que este autor tem muitas aptidões para escrita, tento em vista seu vasto

³ Também encontrei a entrevista no site da editora LP&M, <http://www.lpm.com.br>

número de publicações. Bem como deixar claro que é possível fazer uma aproximação do mesmo com Simões Lopes Neto.

3. SOBRE QUATRO NEGROS

A obra *Quatro negros*, de Luís Augusto Fischer, publicada no ano de 2005, está dividida em cinco capítulos. Os quatro primeiros narram de maneira fluída a história de vida de quatro pessoas negras que têm o mesmo nível social e econômico, bem como partilham a mesma cidade natal, Caçapava do Sul, mais especificamente o interior desta pequena cidade do Rio Grande do Sul. No quinto e último capítulo o narrador reflete sobre o sentido da vida, e é através dessas reflexões que amarra de maneira quase poética toda sua narrativa.

A prática de contar histórias é, sem dúvida, muito antiga. Podemos dizer que é uma tradição mais que milenar, em que as pessoas se reuniam para escutar e contar histórias. De acordo com Walter Benjamin, em seu texto “O Narrador”⁴ – texto em que faz uma reflexão sobre o desaparecimento do narrador e da arte de narrar –, as melhores narrativas escritas são “as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (p. 198). Acredito que Fischer conseguiu colocar no papel a história de Janete, Rosa, seu Sinhô e Airton, seus quatro personagens negros, e fez isso como se estivesse contando uma história à moda antiga, ou melhor, como se chamasse alguns amigos para escutar causos de sua última viagem.

Para dar fluidez, ritmo e a sensação de que seu interlocutor estivesse escutando uma história, o autor coloca seu narrador também como personagem do texto. Personagem este que se apresenta como um escritor um tanto desiludido com o mundo das Letras, mas que se imbuí a contar, entrelaçada à sua, a história de quatro negros. Ele passeia com propriedade pelas tradições e costumes gaúchos no campo e na cidade. Descreve as lidas com o gado e os ensaios nos barracões de escola de samba como alguém que realmente conhece o assunto. Acredito que foi na forma como organizou a narrativa que se deu tal conquista, pois entendo que através da forma, este narrador conseguiu conduzir seu interlocutor pela trama

⁴ Utilizo a versão digital do texto disponível em:
<http://www.cadernodematerias.files.wordpress.com/2012/03/o-narrador-walter-benjamin.pdf>

utilizando, para isso, uma linguagem coloquial que está ancorada na sintaxe, sobretudo na maneira como dispôs a pontuação.

Com o holofote voltado para a personagem Janéti, o fio condutor de toda a trama, o narrador apresenta através da vida de quatro pessoas negras uma realidade social, uma vez que desvela as desigualdades sociais existentes, tanto no interior do Rio Grande do Sul, como na capital dos gaúchos, Porto Alegre. Para além disso também discute transversalmente o papel da mulher nessa sociedade desigual, colocando-a como fonte de esperança e força.

Diante da proposta do autor de *Quatro Negros*, de colocar em voga a questão racial e através disso discutir questões sociais, como as condições deprimentes em que vivem os negros no campo e principalmente nas cidades, se faz importante discutir aqui, mesmo que muito rapidamente, uma vez que o assunto é muito amplo, como a figura do negro aparece na literatura brasileira.

Sabemos que a figura do negro dentro da literatura foi por muito tempo silenciada e quando aparecia era sempre de maneira estereotipada. Para embasar essa afirmação, vejamos o que diz Rosangela Boyd de Carvalho, em um artigo publicado na revista *Espaço Acadêmico*, que trata justamente da questão do negro na literatura brasileira,

A literatura oficial brasileira, acompanhando o modelo social hierarquizado, teria desprestigiado as atuações das etnias diferenciadas até o início do século XX, à exceção de Lima Barreto e Solano Lopes que, mesmo assim, só bem mais tarde receberam algum reconhecimento. A representação dos negros na literatura ficaria restrita a alguns estereótipos, entre os quais, aqueles do negro dócil, castigado, submisso, ou, por outro lado, bestial, instintivo, carnal. Assim, ocorreu um processo que substituiu a invisibilidade por uma visibilidade estereotipada, que felizmente existiu para que pudesse ser desmentida, [...] (2007, p.1)

É sabido que o Brasil é um país muito grande e que em consequência disso a cultura, de modo geral, não se dá da mesma forma em todos os Estados. Isso acontece também na literatura. Como já foi dito anteriormente, a novela *Quatro Negros* tem seu enredo situado em um espaço essencialmente de solos gaúchos, e também que seu autor é nascido e criado nestes mesmos solos. Feitas essas

considerações, acredito ser importante registrar aqui, mesmo que de modo parco, a maneira como o negro chegou ao território gaúcho e, conseqüentemente, foi e é representado na literatura sul-rio-grandense. Para tal, trago a citação da introdução de um texto da professora Elaine dos Santos, texto este intitulado “Eles são gaúchos, negros e pobres: *Quatros Negros*”, publicado na revista Urutúgua:

Integrado, de forma tardia, ao contexto econômico e político da colônia lusa em território americano, o Rio Grande do Sul apresenta uma formação sócio histórica distinta se comparada aos demais estados da atual federação. Além do elemento marginal, contrabandista, ladrão de gado que habitou a região no período anterior à doação de sesmarias e ao estabelecimento das grandes propriedades rurais, registram-se, na história sulina, dois fatos que, do mesmo modo, integraram-no ao Brasil de forma diferente: o negro, mão de obra aproveitada com frequência em outras províncias do Império, somente adentrou o Estado para trabalhar nas charqueadas, em época posterior àquela em que chegara ao território brasileiro. Assim como a cultura dita culta apenas fixou-se na incipiente sociedade por volta de 1968, com a criação da Sociedade Partenon Literário.

Do ponto de vista do escravo africano, ser vendido para os estancieiros sulinos significava o trabalho insalubre, o frio, a morte. Ainda assim, vários núcleos oriundos daquele contingente populacional firmaram-se nos quatro cantos do território sulino, demonstrando seu relevante papel na formação e consolidação da região que, ao longo de séculos, foi motivo de contenda entre brasileiros e castelhanos. Inegável, porém, é o estado de pobreza que a maioria vive ou viveu, fruto do analfabetismo da falta de qualificação profissional entre outros fatores. (2009, p. 89)

O autor Luís Augusto Fischer mostra para seu leitor, através das histórias de seus personagens negros, as conseqüências negativas de uma formação sócio histórica no Estado do Rio Grande do Sul. Considerando que este trabalho tem como objetivo principal mostrar ecos simonianos na novela de Fischer, se faz necessário neste momento uma observação sobre o que diz este autor, enquanto crítico literário, sobre o negro no mundo criado por Simões Lopes Neto em *Contos Gauchescos*. Na citação a seguir, Fischer compara este mundo simoniano ao mundo criado por José Hernández, em *Martín Fierro*:

Negros aparecem nos dois mundos: Bonifácio é o exemplo superior em Simões Lopes Neto, figura insubmissa, que usava “o lenço colorado com o nó republicano”, afrontosamente; o moreno payador com quem Fierro mede suas habilidades de verzejador será depois identificado como o filho daquele outro negro morto por Fierro, numa briga inútil, de valentia intranscendente – nos dois casos, sintomaticamente, os negros carregam um forte traço de irreverência, de altivez, coisa que, no contexto escravista que existia no Brasil, e de algum modo pesava também na Argentina, é significativo. (LOPES NETO, 2013, p.73)

Observemos que o autor chama a atenção para a maneira como Simões descreve o negro em seus contos, principalmente em “Negro Bonifácio”. O termo *significativo* que usa para tal, pode levar a uma interpretação ambígua? Ou melhor, esta significatividade se dá por razão de Simões ter silenciado o fato de os negros serem escravizados colocando-os somente como irreverentes e altivos, ou, se dá por razão de que Simões realmente enxergava os negros desta forma? Talvez seja ousadia de minha parte, mas em se tratando de interpretação acredito que posso ser um pouquinho ousada. Parece-me que em *Quatro Negros*, Fischer, diferente de Simões, não deixa dúvida a seu leitor em relação à história, pelo contrário, como já disse anteriormente, ele faz seu leitor refletir sobre a história dos negros na região sul, conseqüentemente no Brasil. No entanto, mesmo mostrando o quanto os negros sofreram e sofrem ainda nos dias de hoje, por terem herdado uma história bruta e cruel, ele também descreve a força, representada na personagem Janéti, a altivez, nos personagens Airton e Seu Sinhô, e a irreverência, presente em Rosa.

Depois destas observações gerais, passo ao resumo literal de cada capítulo de *Quatro Negros*, para que possamos ter uma percepção melhor da obra.

- Capítulo: *Um*

O narrador se apresenta e apresenta a história da Janéti, que era para ser Janete e por um erro de seu pai foi registrada com a vogal “i”. Ele (narrador) faz questão de mostrar ao leitor a cultura e os costumes do lugar. Descreve a região como: “[...] região erma um distrito longínquo de uma cidade pampiana secundaríssima. [...]” (FISCHER, 2005, p. 9).

A primeira personagem apresentada ao leitor é a segunda filha de uma família muito pobre de negros, e devido às condições financeiras colocou a filha, ainda muito pequena, para adoção. O narrador descreve a personagem como um exemplo de superação e força. O indício desta força está no fato de ela ter fugido e voltado para casa as duas vezes que foi adotada, não aceitando o destino que lhe tinham imposto.

Pelo fato de viverem em extrema pobreza, os pais de Janéti “doavam” os filhos que nasciam com a esperança de que eles tivessem uma vida melhor. No total, tiveram sete filhos, sendo que somente a Janéti não teve uma família adotiva.

Com expectativa de ter uma vida melhor, o pai e a mãe da personagem aqui estudada decidem tentar a vida na capital, Porto Alegre, ou melhor, mais especificamente na periferia de Porto Alegre. Neste momento o narrador coloca sobre os “ombros” da personagem uma imensa carga de “humanidade” e responsabilidade, pois Janéti, com apenas dez anos, mais uma vez não conformada com seu destino, vai em busca de seus cinco irmãos outrora adotados por famílias mais abastadas.

- Capítulo: *Dois*

Neste capítulo ao mesmo tempo em que o narrador segue a história da Janéti – conta que ela teve duas filhas, e que essas não se importavam com o passado da mãe - ele busca em suas memórias a história do seu Sinhô, o segundo negro descrito na novela. Seu Sinhô é um negro caçapavano que segue à risca as tradições gaúchas e que tem um conhecimento que só quem já viveu bastante pode ter. É retratado como uma pessoa sábia e que mesmo não tendo viajado nada é “[...] Cosmopolita eu vou te contar o que é, vou te contar quem é que é. É o velho seu Sinhô [...]” (Ibidem, p. 42).

O narrador tem uma relação de amizade com esta personagem, posto que a convidou para passar alguns dias em seu apartamento em Porto Alegre. Apesar de já ter ido à capital quando era mais jovem para cuidar do pai que estava doente, a segunda vez em que foi junto do narrador foi relatada de maneira primorosa, principalmente a entrada na ponte do Guaíba, como se pode ver em: “[...] Estamos cruzando a ponte e a cidade ali, ao alcance dos olhos, estendida na beira do rio com suas luzes lindas, amarelas e brancas, [...]” (Ibidem, p. 56).

Já no apartamento do narrador, seu Sinhô fica um tanto perdido ao ponto de deixar a chaleira com água para o mate no fogão a gás, bem como fazia em sua casa em Caçapava, com o detalhe de que lá o fogão era a lenha. Este e outros fatos corriqueiros de uma pessoa interiorana de visita à capital são narrados de uma forma leve fazendo com que o leitor se sinta tão amigo de seu Sinhô quanto seu anfitrião.

- Capítulo: *Três*

Este momento é dedicado a relatar a história de Airton, que a Janéti chamava de Jorge, o primogênito da família. Ele viveu com os pais até os dezessete anos e não gostava de estudar (é neste capítulo que sabemos que Janéti gostaria de ser professora, que ela gostava muito de estudar, mas que devido à necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da família não foi possível). Jorge serviu ao Exército e por isso voltou a se chamar Airton. Nesta nova etapa de sua vida ele se “transforma” em uma pessoa urbana, que sabe se expressar bem, tem carteira de habilitação e com isso passa a trabalhar como relações públicas de uma escola de samba.

Em sua nova profissão passou a ser chamado de Seu Jorge, começou a usar terno sem gravata casou-se com Rossana, irmã de um amigo que fizera no quartel. Sua esposa fica grávida e ele resolve ir visitar a família. Ao chegar em sua antiga casa não se sente confortável e não tem coragem de contar aos pais e à irmã que será pai muito em breve.

Depois da visita aos pais, a personagem morre. O narrador empreende várias suposições de como o Jorge/Airton morreria, no entanto, termina por dizer: “[...] Ele se matará mesmo, voluntariamente, uns dias depois, com um tiro de pistola na boca, com o cano virado para o cérebro, [...]” (Ibidem, p. 80).

- Capítulo: *Quatro*

Aqui o narrador, ainda entremeada à história da personagem principal, narra a história de Rosa. Assim como os outros personagens, a Rosa não foi diferente e também teve problemas com seu nome. Todos a chamavam de Rosa, no entanto, seu nome verdadeiro era Rosi. Atenemos aqui para o fato de todos os personagens terem problemas com o nome. Podemos dizer que o nome é a primeira referência de um indivíduo, é o que precede e anuncia a pessoa humana, assim como o que identifica e individualiza essa pessoa. O fato de Janéti, Rosi, Jorge e seu Sinhô terem problemas com seus nomes e ao mesmo tempo serem negros, em meu entendimento, está diretamente ligado à condição de marginalidade que estas personagens têm dentro da trama, bem como a busca incansável por uma identidade.

Voltando a Rosi, é importante dizer que ela é a irmã mais nova de Janéti e que é descrita como uma mulher gorda e com poucos dentes na boca. Foi criada por uma solteirona, trabalha como faxineira e gosta do que faz, é casada e tem um filho chamado Aauto.

Sempre preocupado com sua personagem “principal” o narrador, com o pretexto de deixar Janéti mais humana, conta por que Rosa foi criada por uma solteirona. Levanta a suposição de Rosa ter sido molestada pelo pai. Janéti teria visto e por isso teria achado uma mãe adotiva para a irmã mais nova. No entanto, o próprio narrador enfatiza que este fato poderia ser pura ilusão de Janéti, que ela poderia ter cometido um equívoco por ciúme.

A relação do narrador com Rosa é muito próxima, uma vez que ela trabalhou como diarista em sua casa. Ele só se desfez dos seus serviços porque se casou e sua esposa necessitava de uma empregada que trabalhasse mais dias da semana, fato que não agradava a Rosa, pois ela gostava de ser livre e trabalhar em várias casas.

Esta personagem, mesmo sendo pobre e vivendo com muitas dificuldades na periferia de Porto Alegre, é retratada pelo narrador como uma pessoa feliz, “Como era possível que ela fosse feliz? Mistério. Para mim, mistério total. E ela ria, ria, ria com grande facilidade” (Ibidem, p. 91).

- Capítulo: *Cinco*

Aqui o narrador fecha sua narrativa, para isso ele levanta algumas reflexões sobre a vida e sobre como viver. Amarra sua história ligando os quatro negros como se estivesse pintando um quadro: “Quadro completo, em que eu posso enxergar num golpe de visão os meus quatro personagens.” (Ibidem, p.109).

Reafirma a condição social dos seus quatro personagens, bem como para “desenhar” seu quadro volta ao interior de Caçapava do Sul. Mostra que mesmo nas diferenças todos seus personagens são antes de tudo seres humanos.

4. SOBRE O NARRADOR

O autor James Wood, em um texto intitulado “Narrando”, fala,

Posso contar uma história na primeira ou na terceira pessoa, e talvez na segunda do singular e na primeira do plural, mesmo sendo raríssimo os exemplos de casos que deram certo. E é só. Qualquer outra coisa não vai parecer muito uma narração e pode estar mais perto da poesia ou do poema em prosa. (WOOD, 2008, p.17)

Sem sombra de dúvida a obra *Quatro Negros* pode ser considerada uma narração. Encontraremos nesta obra um narrador masculino que conta uma história em primeira pessoa. Ele afirma ser uma pessoa urbana e culta, mas que conhece o mundo do campo a ponto de evocar uma história que tem raízes no pampa gaúcho. A meu ver o narrador escolhido por Fischer aplica-se em narrar uma história, de modo que esta chegue o mais próximo das histórias que eram contadas oralmente, sendo assim, acredito que este narrador seja um narrador nato. Pois, para além de conseguir conquistar o leitor ao ponto de parecer estar falando com ele em uma roda de chimarrão, ele ainda traz uma história permeada de denúncias sociais, dando voz aos menos favorecidos sem torná-los caricatos. Isso tudo sem deixar que seu leitor perca a esperança na humanidade.

É sabido que para uma narrativa fluir o narrador é chave-mestra da obra. Fischer coloca em sua novela um narrador-testemunha narrando a história de quatro negros que vivem à margem da sociedade. É este narrador-testemunha que vai dar o tom da oralidade que percebemos ao ler *Quatro Negros*. Para evidenciar ainda mais a importância do narrador utilizo o texto de Benjamin que diz “O senso prático é uma das características de muitos narradores natos” (op. cit, p.199). E mais, ao se referir à natureza da narrativa diz:

Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou norma de vida – de qualquer maneira o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se dar conselhos parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história (sem contar que um homem só é

receptivo a um conselho na medida em que verbaliza a situação). (Idem, *Ibidem*)

Observemos a dimensão utilitária na novela *Quatro Negros* – para tal escolhi o trecho em que o narrador situa seu leitor no espaço que começa sua narrativa. Este feito me parece uma forma simples e prática de “ensinar” a ler um mapa, bem como uma maneira sutil de mostrar por entrelinhas, fatos que ocorrem na sociedade desde sempre:

Caçapava: tu pegas o mapa do Rio Grande, miras bem no centro dele, é um pouco pra baixo, na direção sudoeste. Lá no interiorzão tem uma regiãozinha com gente muito pobre, que ou mora de favor, ou é empregado de fazenda, ou tem um pedacinho de terra. Mas pedacinho mesmo. Naquela região tu sabes, só vale propriedade grande, acima de quinhentos hectares, para criar gado. Eles ainda funcionam lá na base da pecuária extensiva: deixa o gado no campo à espera que os animais sobrevivam ao frio, ganhem peso depois e sejam vendidos no fim da primavera. A gente da Janéti não: é gente pobre que vive em pequenos pedaços de terra, meia dúzia de hectares [...] (FISCHER, 2005, p. 10).

Para um leitor mais atento fica clara a denúncia de desigualdade social (as entrelinhas que mencionei acima), que neste caso consiste na grande quantidade de terra nas mãos de poucos enquanto muitos têm pouco ou nada, chegando ao ponto de viver de favor dos grandes latifundiários da região sul do Rio Grande do Sul.

O que vemos em *Quatro Negros* no que diz respeito ao narrador está muito próximo da forma adotada por Simões Lopes Neto em *Contos Gauchescos*. Simões faz de Blau seu narrador, e Blau, assim como o narrador de Fischer, conta histórias a seus interlocutores, deixando-os com a sensação de estarem em uma roda de chimarrão. Para exemplificar melhor vejamos o conto *Trezentas onças*, em que Blau, ao narrar, se insere na história, ou seja, ele é testemunha, pois viveu as peripécias do conto: “Eu tropeava, nesse tempo. Duma feita que viajava de escoteiro com a guaiaca empanzinada de onças de ouro, vim varar aqui neste mesmo passo, por me ficar mais perto da estância da Coronilha, onde devia pousar” (LOPES NETO, 2013, p. 83). Notemos, no exemplo a seguir, que o narrador de Fischer também se insere na história e da mesma forma vive as peripécias da trama: “Foi numa outra ocasião que eu compartilhei com o Sinhô velho uma caçada de tatu. Se um agente do IBAMA me perguntar eu nego, porque agora dá cadeia matar tatu, pelo que eu ouvi.” (FISCHER, 2005, p. 48). É claro que devemos atentar para a diferença de que Blau

é um homem do campo que propaga a sabedoria da vida, enquanto o narrador da novela aqui analisada é um homem da cidade, culto, que se diz conhecedor do campo. No entanto, me parece que a forma como ambos conduzem o leitor/interlocutor pela narrativa está muito próxima.

Nas linhas seguintes colocarei lado a lado minha leitura de Fischer e Simões, para corroborar o que já disse Elaine dos Santos em seu artigo publicado na Revista Urutáguia:

A narrativa de *Quatro Negros* se faz em linguagem coloquial, como numa conversa entre o narrador e um suposto interlocutor (narratário) num modelo semelhante ao de Simões Lopes Neto, para através de Blau revisitar a tradição sul-rio-grandense, refletir sobre a formação do Estado, e concretizar, literariamente, um modelo de exaltação das qualidades atribuídas ao gaúcho[...] (2015, p. 95).

Elaine dos Santos conseguiu sintetizar em poucas palavras a impressão que tive ao ler *Quatro Negros*, no entanto devo assegurar que discordo da autora quando afirma que há uma exaltação das qualidades atribuídas ao gaúcho. Creio que ambos os autores descrevem de maneira respeitosa o gaúcho e suas tradições, porém sem uma superioridade em relação à cultura de qualquer outra região.

Feita esta observação, vejamos então alguns dos meios utilizados por Fischer em sua obra que me levaram a escutar ecos simoneanos em *Quatro Negros*.

5. ECOS SIMONEANOS

5.1. Primeiro eco: linguagem coloquial

A linguagem sempre foi uma preocupação dos autores (ou pelo menos deveria ser), posto que há um hiato considerável entre a escrita e a fala. Muitas formas foram adotadas para dar voz a personagens iletrados e semiletrados, personagens que são provenientes de uma classe social em que a norma culta da escrita passa léguas de distância. O “erro” eloquente da maioria dos autores que tentaram dar voz a esses personagens foi torná-los caricatos chegando ao ponto de rebaixá-los perante outros personagens de origem social mais elevada. No entanto, eis que em 1912 é publicado *Contos Gauchescos*. Segundo Fischer, a solução encontrada por Simões foi a de melhor qualidade:

Quer dizer: foi Simões Lopes Neto, nos *Contos Gauchescos*, que desatou um dos nós mais apertados entre vários que manietavam a experiência social como matéria para criação artística, na escassa tradição literária brasileira. Desde Alencar, para não recuar até o século XVIII e aos casos de *O Uruguai* e *Caramuru*, a história latino-americana colocou o problema de incorporar à literatura esses elementos de povo real, gente iletrada ou semiletrada, gente do mundo rural e do mundo selvagem, que definitivamente não falava a mesma língua das cidades e das academias. (2013, p.52)

Utilizando um vocabulário arraigado no sul do país, Simões deu fluência a seus contos colocando um narrador que fala diretamente com seus interlocutores como se estivesse os convidando para tomar chimarrão enquanto o escutam narrar “causos” os quais, em alguns contos, ele participa diretamente da trama. Para isso o autor apodera-se da pontuação e da estrutura do texto, ou seja, ele usa a sintaxe a seu favor. Este é mais um dos pontos defendidos por Fischer, que diz:

[...] a linguagem que conseguiu organizar é ao mesmo tempo, (1) suficientemente próxima da fala, no léxico e na pontuação expressiva usada com abundância, tanto quanto na arquitetura narrativa (o que dá ao conjunto narrado uma extraordinária semelhança com a fala popular do mundo enfocado), (2) suficientemente próximo da escrita culta, na sintaxe e na ortografia (o que de sua parte, confere ao texto uma especialíssima, mas sólida filiação à literatura culta). (2013, p. 53.)

O autor da novela aqui estudada usou, para defender seu ponto de vista sobre a linguagem adotada por Simões, um texto do autor Antonio Candido intitulado

“A literatura e a formação do homem”. Neste texto, Candido, para além de debater o conceito de função e estrutura no contexto das obras literárias, faz referência ao regionalismo brasileiro, utilizando como exemplo dois autores, Coelho Neto e Simões Lopes Neto. Estes podem representar de modo claro a dualidade entre a postura dos regionalistas dessa época. Candido explica que a literatura resulta de dado momento histórico, e assim representa a realidade de diferentes épocas, a partir do olhar do autor, que pode desempenhar um papel humanizador ou até alienador, e é o leitor, que por sua vez, vai estabelecer a relação, no decorrer da leitura, com a realidade em que está inserido, mas pautado em uma concepção de outrem. Ao colocar Coelho Neto e Simões frente a frente, Antonio Candido deixou claro que o método utilizado pelo segundo foi assertivo. Vejamos um trecho do texto que ilustra este fato:

Para o seu narrador Blau Nunes, o autor tinha dois extremos possíveis: ou deformar as palavras e grafar toda a narrativa segundo a falsa convenção fonética usual em nosso Regionalismo, de que vimos um exemplo em Coelho Neto; ou adotar um estilo castiço registrado segundo as convenções da norma culta. Simões Lopes Neto rejeitou totalmente o primeiro e adaptou sabiamente o segundo, conseguindo um nível muito eficiente de estilização. Graças a isto, o universo do homem rústico é trazido para a esfera do civilizado. O leitor, nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é a sua, e deste modo pronto para incorporar a sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão da realidade. (CANDIDO, 2012, p. 89)

Para exemplificar o que Candido e Fischer estão referindo em seus textos, trago um trecho do conto *Correr Equada*, onde podemos perceber principalmente os dois pontos defendidos por Fischer em relação à linguagem adotada por Simões,

Eguada xucra, potrada orelhana, isso era imundice, por esses campos de Deus; miles e miles!...
E bicho brabo para se tropear, esse! Barulhento espantadiço, disparador e ligeiro, como trezentos diabos!
Mas, como quera era sempre um divertimento macanudo, uma volteada de baguais! (LOPES NETO, 2013, p.125)

As palavras “orelhana”, “imundice”, “macanudo”, “baguais” e “potrada” são típicas do vocabulário gauchesco usadas com abundância no campo, tendo em vista que se trata de termos empregados para designar as lidas com animais. Estas palavras são empregados de maneira que o narrador se aproxima de seu interlocutor sem tornar-se grotesco ou ridículo, uma vez que ele não as emprega com erro de ortografia. Também observemos o arranjo que se dá aos pontos de

exclamação. Eles são usados abundantemente conferindo ao texto uma ênfase própria para os chamados “causos”⁵, ou melhor, se aproximando fortemente da fala.

Agora vejamos como o autor de *Quatro Negros* valeu-se desta técnica para dar a mesma tonalidade ao seu texto, em que a linguagem empregada também se aproxima da fala:

O caso é que ali, naquela regiãozinha, um distrito de Caçapava, de fato havia alguns poucos negros proprietários de terra... Bá, acabo de me lembrar que eu já te falei disso. Não foi? Negros proprietários no meio do Rio Grande do Sul profundo, não o colonial esse em que convivem alemães, italianos, lusos, negros e tudo o mais, mas lá na tal região do pampa. (Ibidem, p. 44)

O diminutivo empregado na palavra região infere uma proximidade amistosa ao leitor, este fato somado a interjeição “bá” usada exclusivamente por gaúchos, e ao uso antecipado de reticências para realçar a mesma, deixa a narrativa mais próxima da fala, sem, no entanto, fugir da norma culta. Mais adiante, quando a palavra “tal” é empregada, traz uma conotação de que está chamando a atenção de seu interlocutor, para que este se lembre do assunto já mencionado anteriormente.

Luís Augusto Fischer se apropria magistralmente desta técnica, certamente ele domina a teoria, tanto que, ao dar literalmente, voz ao personagem Seu Sinhô, ele registra a fala com erros ortográficos, na tentativa de recriar melhor a realidade, como podemos ver em um trecho em que seu Sinhô está chegando à capital rio-grandense e se depara com um avião pousando, “Báááá, até parece que viero nos receber” (Ibidem, p. 57). No entanto, Fischer deixa claro que é o personagem quem está falando ao colocar esta fala entre aspas. Com isso, o narrador-personagem de Fischer se distancia da figura do campo, mas este fato não torna esta figura grotesca, pois não há ingenuidade por parte do autor ao fazer isso, o que há é, sem dúvida, um domínio da técnica narrativa.

⁵ Entendo que os causos podem ser formas de manter vivo o folclore de uma região. São histórias ou anedotas contadas oralmente de geração para geração.

5.2. Segundo eco: pontuação

A importância dos sinais de pontuação nos textos é inegável, eles agem como um sinalizador que dá o tom, a fluência e, principalmente, influenciam diretamente no sentido das sentenças que formam o texto. Para enfatizar essa importância guiei-me em uma leitura de um texto do escritor alemão Theodor Adorno, chamado *Sinais de Pontuação*. Este texto faz uma analogia entre os sinais de pontuação com a sinalização de trânsito, vejamos: “Todos são sinais de trânsito; afinal, estes os tomaram como modelo. Pontos de exclamação correspondem ao vermelho; dois pontos, verde; e os travessões ordenam *stop*.” (ADORNO, 2003.p. 141). Sigo com mais uma citação do escritor alemão que diz:

Diante dos sinais de pontuação, o escritor encontra-se em permanente perigo; se fosse possível quando se escreve ter o controle sobre si mesmo, seria perceptível a impossibilidade de usar corretamente qualquer sinal de pontuação, e se desistiria de escrever. Pois as exigências das regras de pontuação são incompatíveis com as necessidades subjetivas de lógica de expressão: nos sinais de pontuação, a promissória que o escritor tomou da linguagem é cobrada em protesto. Ele não pode confiar nas regras frequentemente rígidas e grosseiras, mas também não pode ignorá-las, se não quiser cair em uma espécie de excentricidade ou ferir a essência do que não é aparente, ao sublinhá-lo – e essa não aparência é o elemento vital da pontuação. (Ibidem, p. 148)

Dito isso, chamo a atenção para a maneira como os autores debatidos neste trabalho utilizaram os sinais de pontuação a seu favor. Vejamos então alguns exemplos de ecos simoneanos relacionado à pontuação que encontrei presentes em *Quatro Negros*.

Começo analisando a utilização do sinal gráfico dois pontos, que serve para elucidar seu interlocutor de fatos que talvez este não conheça por se tratar de assuntos relacionados ao campo, como, por exemplo, quando o narrador explica o que é, e como acontece um pealo, vejamos:

[...] Já viste? É lindo. Uma brutalidade linda: o pealo de colher é um tiro de laço que prende as duas patas dianteiras do animal em movimento, que então, por causa disso, trava subitamente e cujo corpo dá uma cambalhota abrupta sobre si mesmo, ficando ali estabacado, atônito, e logo ver chegar um homem, em geral o proprietário mesmo [...] (FISCHER, 2005, p. 29).

Para além disso, o autor também recorre a este sinal como algo que vá dar ênfase à linguagem oral, fazendo pausas breves, de maneira que o narrador dê tempo a seu interlocutor para que este possa se preparar para escutar (ler) uma história. Grosso modo, poderia dizer que, os dois pontos utilizados neste caso, analogamente, seriam a cadeira que o anfitrião puxa para seu convidado sentar-se. Isso fica perceptível já no segundo parágrafo do livro: “A história da Janete é assim: ela era filha de uma família interiorana. Mas interiorana de verdade, moradores de lugar ermo, distante. Não sei se tu conheces a região sulina do Rio Grande do Sul, já na vizinhança do Uruguai.” (Ibidem, p.8).

Os dois pontos também foram usados dessa forma por Simões, vejamos um exemplo no conto “Negro Bonifácio”, quando o narrador explica a seu interlocutor o que quis dizer ao proferir uma expressão que talvez ele não tivesse entendido, vejamos “Os olhos da Tudinha eram assim a modo olhos de veado-virá, assustado: pretos, grandes, com luz dentro, tímidos e ao mesmo tempo haraganos...” (LOPES NETO, 2013, p.91).

Observemos ainda outra questão importante que nos leva a detectar ecos da estrutura simoniana em *Quatro Negros*, deixando através da linguagem a leitura amena e gostosa, beirando a uma conversa informal (daquelas que começamos sem querer, mas que geralmente abordam assuntos muito importantes). Reflitamos então sobre o ponto de interrogação que, parece a chave-mestra em que o narrador chama de vez o interlocutor para a conversa. É perceptível que ele serve muito mais que simplesmente marcar um sinal de dúvida ou a procura de uma resposta. Este sinal marca o ritmo do texto, conduz o leitor pela narrativa, como se pintasse um painel para esse leitor, como podemos ver no exemplo em que o narrador descreve como é a fisionomia dos negros da região:

[...] Testa ampla numa cabeça sobre um pescoço fino e longo, cabeça que parece ter sua parte alta empurrada para trás, como se fosse aquelas cabeças egípcias que a gente vê em museu, sabe? Olhos de aspecto amarelado, boca grande, que se abre fácil em sorriso, e dedos longos, aspecto geral delicado, mas bem sólido. E são meio tristes mesmo, tendendo ao quieto. Já viu carnaval gaúcho? Aqui em Porto Alegre mesmo, já viu? Ah. (FISCHER, 2005, p. 15)

Eis que podemos ter a mesma sensação de estar vendo um painel pintado quando Blau Nunes em “Correr Eguada” interroga seu interlocutor sobre o que é um ligar,

E tudo boleadeiras mui bem-feitas; de pedras pequenas; porque vancê sabe que o cavalariagem tem o osso mais quebradiço que a rês – e vai, se toma de mau jeito um bolaço pesado, aí no mais já temos um avariado.

Pois é: as três-marias revoltadas a preceito; e as sogas macias; pra cortar; e levava-se também os ligares.

Vancê não sabe o que um ligar? Não é só não senhor, o couro de terneiro pra fazer carona: é também uma tira de guasca chata assim de uma meia braça, com um furo dum lado e uma meia ponta do outro. Conforme boleava o animal e ele caía, o campeiro chegava-se e passava-lhe o ligar em cima do garrão e apertava, acochava, à moda velha; hom! Era mesmo como botar uma liga de mulher, com perdão da comparação! (LOPES NETO, 2013, p.127).

Por fim, em relação aos sinais de pontuação, mas não menos importante, é válido ver o que Fischer diz teoricamente sobre a questão dos travessões utilizados nos “Contos Gauchescos”:

Mas voltemos aos travessões de abertura de cada conto, item de relevo para a construção narrativa do autor. Por que ele os empregou em treze contos e os evitou em outros seis? Vamos examinar um pouco para ver se é possível encontrar razões intrínsecas, de ordem retórica quatro desses seis – “Negro Bonifácio”, “O boi Velho”, “Duelo de Farrapos” e “Artigos de fé do gaúcho” – têm o narrador Blau em posição explicitamente presente, de maneira que os contos se assemelham a depoimentos ou testemunhos. A seguir a lógica geral, que levou o autor a colocar travessão na abertura dos contos igualmente testemunhais como “Trezentas onças”, ou “Contrabandista”, esses quatro merecem ser marcados pelo mesmo sinal na abertura do texto. Assim fizemos, em coerência com o critério expressivo usado por Simões Lopes Neto.

Caso diferente é dos outros dois contos que não foram assinalados com o travessão inicial pelo autor; estamos falando de “Deve um Queijo...!” e de “Batendo Orelha”. Aquele é um típico “caso”, ou “causo”, uma história anedótica, de aspecto fanfarrão, na qual não só não existe a condição testemunhal, como, ainda, não há dramaticidade muito menos tragédia, que eventualmente pode ser um tempero de pessoalização no relato de Blau. (apud LOPES NETO, 2013, p.56).

Em minha interpretação, o que o escritor de *Quatro Negros* faz com o uso dos travessões na novela (repito: minha interpretação) se aproxima da mesma lógica simoniana. Esclareço: a obra tem cinco capítulos, e em todos o autor abre o texto colocando um travessão. Lembremos que o narrador é um narrador-testemunho, ou seja, este narrador que muitas vezes participa dos fatos que acontecem na trama. Vejamos: capítulo *Um*, “– Eu escrevi muita coisa [...]” (FISCHER, 2005, p.7); capítulo *Dois*, “– Eu escrevi muita coisa na minha vida [...]” (Ibidem, p.36); capítulo *Três*, “–

Depois de tantas coisas que escrevi [...]” (Ibidem, p.64); capítulo *Quatro* (este é o único capítulo que o narrador não inicia se afirmando escritor, mas a presença do “eu” está bem marcada), “- Eu ainda conheci [...]” (Ibidem, p.86) e capítulo *Cinco* “- Tanto livro já escrevi [...]” (Ibidem, p.106). Mais, é notório que durante toda a narrativa há uma dramaticidade, até mesmo quando o narrador se desvia do enredo central para contar suas anedotas, pois não podemos esquecer que é um texto permeado de denúncias sociais.

5.3. Terceiro eco: conversar diretamente com o interlocutor

Como já foi dito anteriormente o narrador de *Quatro Negros* é um narrador de primeira pessoa. Também já foi mencionado que foi justamente este narrador que chamou minha atenção para a obra. Ao me deparar com o narrador de *Quatro Negros* a sensação foi de que este, me “pegou pela mão”, me “colocou sentada” à sua frente e me contou uma história linda. Porém, acredito que esta sensação foi além disso. A sensação foi de estar realmente em uma roda de amigos em que o amigo que está contando a história dialoga diretamente com aqueles que estão escutando. Explico: eu por várias vezes me senti incomodada produzindo várias notas mentais sobre os devaneios do narrador, principalmente quando ele foge da história central: “[...]. É gente pobre que no entanto não concebe trabalhar duro para melhorar. Não sei se tu entendes isso. Eu te explico, mesmo que isso vá atrasar um pouco a história. [...]” (Ibidem, p. 12). Quero chamar a atenção para o momento em que este narrador interpela seu interlocutor com, *não sei se tu entendes*. São em momentos assim que o amigo, aquele que mencionei no início deste texto, abre espaço para aqueles (no caso eu, leitora) que estão escutando a história dialogar com ele. Digo mais, observemos este amigo (narrador) usa o pronome *tu* para se dirigir ao seu interlocutor, dando a impressão de ser e estar próximo deste, pois acredito que se fosse o contrário usaria termos mais formais.

Casos como o mencionado acima acontecem durante todo o desenrolar do enredo. O autor James Wood em um texto chamado “Diálogo”, ao explicar como funciona o diálogo dentro da ficção, diz, ao se referir à definição de diálogo de Henry Green:

Todavia, seu argumento mais geral, de que o diálogo deve portar múltiplos significados, e que deve significar várias coisas para vários leitores ao mesmo tempo, com certeza está certo. (Pode portar vários significados indeterminados para o leitor e, mesmo assim, ser “explicado” pelo autor, penso eu, mas isso demanda muito tato). (WOOD, 2008, p.174)

Não tenho dúvidas de que Fischer teve tato ao escrever sua novela, pois ele conseguiu com que seu narrador se comunicasse com seus leitores, e isso de forma muito natural. No episódio citado acima, eu, enquanto leitora, produzi uma nota mental em que criticava o narrador, pois ele me pareceu um tanto preconceituoso ao

se referir às pessoas da família da Janéti como gente pobre que não concebe trabalhar. No entanto, quando ele se propõe a explicar sua afirmação, eu, leitora (interlocutora), me acalmo e sigo *escutando* a história. O que quero dizer com isso é que minha reação, ou melhor, interpretação, neste episódio foi esta, mas certamente isso passou despercebido por outros leitores, ou mesmo foi entendido de forma completamente distinta da minha, e isso corrobora o que disse Wood.

Até agora, minhas referências e análises foram somente relacionadas à novela *Quatro Negros*, no entanto, a ideia é mostrar ecos simonianos nesta novela. Pois bem, esse foi, confesso, o primeiro eco que percebi, uma vez que Blau chama seu interlocutor o tempo todo para *conversar*. Vejamos um exemplo no conto “O Mate do João Cardoso”:

Isto até me faz lembrar um caso... Vancê nunca ouviu falar do João Cardoso?... Não?... É pena.
O João Cardoso era um sujeito que vivia por aqueles meios do Passo da Maria Gomes; bom velho, muito estimado, mas charlador como trinta e que dava um dente por dois dedos de prosa, e mui amigo de novidades.
(LOPES NETO, 2013, p, 114)

Atentemos para o momento em Blau pergunta para seu interlocutor se ele já ouviu falar do João Cardoso e em seguida faz outra pergunta com um advérbio de negação, para então concluir que é uma pena. Neste momento, parece que ao colocar o *não* como outra pergunta e antecedida por reticências o narrador deu tempo para que seu interlocutor respondesse sua primeira pergunta, ou seja, ele está conversando diretamente com seu interlocutor. Seguindo o que diz Wood na citação acima, também me parece que Simões, assim como Fischer, teve tato ao fazer em seguida uma explicação de quem era o João Cardoso, no caso do exemplo usado acima, pois o narrador abriu margem para que seu leitor (interlocutor) pudesse interpretar da maneira como quisesse, mas em seguida dá a explicação.

Esses deslocamentos, ou melhor, diálogos com o narrador, foram feitos por mim em ambas as leituras, e isso durante todo o decorrer do enredo.

5.4. Quarto eco: mulheres determinadas

É fato que mulheres foram representadas em ambas as obras aqui estudadas, mas isso por si só não é possível configurar como um eco simoniano. No entanto, para explicar melhor onde foi que encontrei ecos simonianos relacionado a este tema me parece considerável grifar como Luís Augusto Fischer, enquanto estudioso de Simões e crítico literário, atenta para a representação da mulher em *Contos Gauchescos*:

[...] Simões Lopes Neto, mercê de seu temperamento e talvez de sua vida de dramaturgo e de sua vivência no Rio de Janeiro, soube plasmar personagens femininas de forte presença, seja como objeto de disputa, como em “Os cabelos da china”, seja como elementos ativos de paixão, como a Maria Altina, de “No Manantial”, e de amor, como a moça de “Melancia – Coco Verde”. (LOPES NETO, 2013, p. 74)

Com esta citação quero mostrar que Fischer percebeu o quanto as mulheres foram importantes, nos mais diversos campos, nos textos de Simões, e que ao ler a novela *Quatro Negros* pude perceber a força da mulher representada pela personagem Janéti. Ela é descrita como alguém que luta pelos ideais e sabe o que quer. Não desiste diante das dificuldades impostas pela vida, tampouco diante dos preconceitos da sociedade. Ela é negra e pobre, mas acima de tudo é mulher. E mulher determinada. A determinação da personagem está marcada em todo o enredo. Para ilustrar, transcrevo aqui o momento em que a personagem fugiu da família adotiva pela primeira vez, este é, para mim, um dos momentos que mais retratam a força e a determinação da personagem:

Janéti fica? Fica, mas só por uma noite. Uma simples noite. E como é que eu posso te contar isso? Como eu poderia escrever esta história? Uma criança de quatro anos e pouco que foge da casa em que está e descobre, sabe deus como, o caminho de volta até sua querida antiga casa, onde estão um irmãozinho, sua mãe e seu bom pai. Apesar de tudo, um bom pai. O pai a vê chegar na tarde do dia seguinte, e não acredita. Ela lá adiante, parada, com a mesma roupinha de ontem, antes de ser dada, olhando parada na direção da porta da cozinha, a única abertura da parede dos fundos da casinha simples. Uns vinte metros adiante de onde ele está, ali, na linha da porta, na beira de mato, perto do cercado onde estava plantado o aipim. Ela parada, o pai vendo. O pai não acreditando, ela querendo que ele acreditasse e gostasse da volta. Se não gostasse, que pelo menos aceitasse. (FISCHER, 2005, p.25)

A meu entender, ser uma mulher determinada, dentre muitas outras coisas, significa lutar por aquilo que se acredita e ir à busca do bem-estar. Ter

autoconfiança e não depender da aprovação da sociedade. Significa ainda, aprender a expressar o que está em sua alma, seja você tímida e meiga ou intensa e assertiva. Não é preciso tentar encaixar-se em um determinado molde. E Fischer, ao escolher Janéti como sua protagonista, coloca a mulher gaúcha no seio da literatura, dá voz e vez a esse gênero que ainda nos dias de hoje é visto como sexo frágil. Vale citar: “[...] moça pobre interiorana, negra. E rejeitada pela família, por seu pai e sua mãe. [...]” (Ibidem, p. 20). Aí me pergunto, o que tem de frágil em Janéti? Afinal ela sobreviveu a todos os obstáculos que a vida lhe colocou na frente. Ela é, sem sombra de dúvida, uma sobrevivente do sistema. É guerreira, no sentido literal desta palavra, pois Janéti luta contra as mazelas da pobreza desde pequena. Quando criança teve a força e a maturidade de uma adulta, quando adulta teve de ser serena para criar as filhas e continuar sua “missão” de manter a família unida.

Realizadas estas considerações sobre a personagem principal de *Quatro Negros*, passo agora a uma breve análise sobre a personagem Tudinha do conto “Negro Bonifácio”, comparando-a, obviamente, com a Janéti. Elegi este conto porque ademais do título do conto de Simões fazer referência a um nome masculino, no meu entender a personagem Tudinha é a grande protagonista da história.

À primeira vista, se pode crer que as duas personagens, Tudinha e Janéti, são completamente diferentes, uma vez que a Tudinha não tinha problemas com dinheiro, ou seja, não viveu as mazelas da pobreza, vejamos: “O certo é que o posto que ela morava com a mãe, a sia Firmina, era um mimo; tinha de um tudo: lavoura, boa cacimba, um rodeíto manso; e a Tudinha tinha cavalo amilhado, só do andar dela [...]” (LOPES NETO, 2012, p.91). No entanto, todo enredo se passa em torno da personagem feminina, e é por ela que se dão as peripécias da história, assim como a Janéti que é o fio condutor da história. Ela é corajosa e destemida, pois enfrenta o Negro Bonifácio, um homem que era visto por todos como encenqueiro. O que me leva mais uma vez à comparação com Janéti que enfrentou a rejeição dos pais e as mazelas da vida de peito aberto. Vejamos um trecho em que Tudinha se mostra uma mulher forte e determinada ao enfrentar o Negro Bonifácio ordenando, sem medo, que entregasse os doces a sua mãe:

E a Tudinha foi, de charola.

No barulho das saúdes e das caçadas, quando todos se divertiam, foi que apareceu aquele negro excomungado, para aguardar o pagode. Esbarrou o cavalo na frente do boliche; trazia na mão um lenço de sequilhos, que estendeu a Tudinha: havia perdido, pagava...

A morena parou em meio um riso que estava rindo e firmou nele uns olhos atravessados, esquisitos, olhos como pra gente que já os conhecesse... e como sentiu que o caso estava malparado, para evitar o desaguisado, disse:

- Faz favor de entregar à minha mãe, sim?!... (2013, p. 94)

Outra passagem no conto “Negro Bonifácio” que me fez ter certeza de que a Tudinha é uma mulher dona de si, é o momento em que Blau questiona por que ela teve um caso com o negro: “Até hoje me intriga, isto: como uma morena, tão linda, entregou-se a um negro tão feio?... Seria de medo, por ele ser mau?... Seria por bobice de inocente?... Por ele ser forçado e ela franzina?... Seria por...” (LOPES NETO, 2013, p.98). Consideremos que o autor faça o uso do sinal de pontuação reticências para abrir margem de interpretação ao seu leitor (pelo menos foi desta maneira que li), podendo este escolher qual resposta caberá às perguntas que está fazendo, então, eu, como leitora, respondo que a Tudinha se entregou ao Negro Bonifácio porque quis, porque teve vontade no momento e porque não precisa dar satisfação de suas vontades a ninguém.

E são com essas considerações que afirmo: estas personagens, Tudinha e Janéti, são literalmente a minha definição de mulher determinada, pois elas têm autoconfiança e, acima de tudo não precisam da aprovação da sociedade para seguir com suas vidas e foi com esse raciocínio que escutei mais um eco simoniano ao ler *Quatro negros*.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou colocar lado a lado dois autores gaúchos de épocas distintas para então mostrar que é possível escutar ecos de um em outro, mais especificamente de Simões Lopes Neto em Luís Augusto Fischer. Após o término das leituras e análises dos textos de ambos os autores pude, de certa forma, corroborar o que eu já havia intuído e escrito na Introdução deste trabalho, Luís Augusto Fischer, provavelmente, está criando seus precursores, neste caso o autor João Simões Lopes Neto. Entendo que muitos são os fatores que podem influenciar neste fato, mas não posso deixar de citar um que me parece ter sido muito relevante para que eu pudesse ter escutado os ecos simonianos na novela *Quatro Negros*, bem como acreditar que Simões seja um dos precursores de Luís Augusto Fischer, que é, a meu ver, o fato de Fischer ser um grande estudioso da obra e vida de Simões. Minha visão sobre este fato se dá pela razão de que durante todo o decorrer do trabalho busquei respostas para questionamentos relacionados às leituras dos *Contos Gauchescos* nos textos de Fischer enquanto crítico e estudioso de Simões.

Devido à questão de tempo e à grande possibilidade de expansão no campo da interpretação literária, eu descrevi com afinco somente quatro ecos simonianos neste trabalho. No entanto, é possível ir além da linguagem coloquial, da pontuação, de conversar diretamente com leitor e das mulheres determinadas. É importante ressaltar aqui que há a possibilidade de se encontrar muitos outros ecos simonianos na novela *Quatro Negros*, como por exemplo, a questão do narrador, que ademais de não ter sido tratado como eco neste trabalho, pode perfeitamente sê-lo. Outro exemplo é o fato de ambos os autores darem voz aos negros e também o fato de muitos personagens terem problemas com os nomes. No entanto este trabalho se dedicou somente a esses quatro, dentre os motivos citados acima, o principal foi o fato de estes terem sido os ecos que se sobressaíram "aos meus ouvidos" ao ler esta belíssima obra.

Antes de encerrar por completo este trabalho quero fazer mais algumas ponderações sobre a novela, que me que levaram a fazer este estudo. Pois bem,

posso afirmar que além do prazer, da fruição que os textos literários proporcionaram a mim na qualidade de leitora, a novela *Quatro Negros*, em especial, foi um ensinamento de vida. A força e a determinação da personagem Janéti, de certa forma, me fizeram refletir sobre o quanto sou abençoada por ter tudo que tenho. A simplicidade e sabedoria de seu Sinhô são admiráveis. A alegria de Rosa me contagiou, e a ambição, juntamente com a insegurança de Airton me fez perceber o quão impotente podemos ser diante dos problemas que a vida impõe. Em suma, posso assegurar que esta obra provocou em mim aquilo que o grande filósofo grego denominou como *catarse*. Sim, *catarse* pela aproximação e ao mesmo tempo pelo estranhamento que tive pela obra, pois mesmo sabendo que há em nosso país uma grande desigualdade social, ao ler sobre a miserabilidade que vivia a família de Janéti fiquei um tanto chocada, não só pelo fato de isto não fazer parte do meu cotidiano, mas como também pelo fato de perceber que sim, os negros no meu país ainda sofrem por serem negros. São raras as vezes que paramos para pensar sobre assunto e ao ler esta obra aflorou em mim um amontoado de questionamentos relevantes, não só para mim enquanto mulher branca, classe média, mas para mim enquanto cidadã, ou melhor, enquanto ser humano.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor w. *Notas de literatura I*. 1ª Ed.- São Paulo: editora 34, 2003

BENJAMIN, Walter. "O narrador". 2012. Disponível em
<<http://www.cadernodematerias.files.wordpress.com/2012/03/o-narrador-walter-benjamin.pdf>>. Acesso em: 22/04/2016

BOYD, Rosangela. "O negro na literatura brasileira: a necessidade de um novo paradigma de crítica social e literária". 2007. Disponível em
<<http://www.espacoacademico.com.br/076/76carvalho.htm>>. Acesso em: 19/05/2016

BORGES, Jorge Luiz. "Kafka e seus precursores". 2015. Disponível em
<https://prioste2015.files.wordpress.com/2015/03/tl3_borges.pdf>. Acesso em: 29/04/2016

CANDIDO, Antonio. "A literatura e a formação do homem". 2012. Disponível em
<<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/viewFile/3560/3007>>. Acesso em: 21/04/2016

FISCHER, Luiz Augusto. *Quatro negros*. - 3ª Ed. - Porto Alegre: L&PM, 2008.

LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos e Lendas do Sul*. Edição anotada por Luis Augusto Fischer - 2ª Ed. - Porto Alegre : L&PM, 2013.

SANTOS, Elaine. "Eles são gaúchos, negros e pobres: Quatro Negros". 2015. Disponível em:
<<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/view/6396>>. Acesso em: 26/03/2016

TCHEKHOV, Anton Pavlovitch. Trad. Tatiana Belinky. *Um homem extraordinário e outras histórias*. Porto Alegre : L&PM, 2009.

WOOD, James. Trad. Denise Bottmann. *Como funciona a ficção*. - 1ª Ed. - São Paulo : Cosac Naify, 2012.